

Galhardia para enfrentar a bazófia

Obrigado a falar sobre assuntos que admite desconhecer, Fernando Henrique Cardoso é hábil improvisador, mas falha nas repetições

João Pitella Jr.
Da equipe do Correio

Obrigado a fazer, de improviso, ao menos um discurso por dia, em média, o presidente Fernando Henrique Cardoso usa a experiência de professor e político para tentar segurar a atenção do público nas diversas situações que enfrenta. A tática é encaixar palavras e expressões-chave, como "o Brasil tem rumo", "estamos enfrentando a situação com galhardia", e

"no mundo atual, nada pode ser feito sem articulação", nos discursos sobre os mais variados temas.

Os aplausos vêm sempre, até porque a plateia muda a cada solenidade. Mas a inspiração, às vezes, falta. Na última quinta-feira, durante a abertura do III Encontro Nacional de Municipalização do Turismo, no Centro de Convenções de Brasília, por exemplo, ele disse aos experientes agentes de viagem, em tom professoral, que "o turismo interno é o deslocamento dentro do próprio

país". Depois, veio o desabafo: "Cabe a mim sempre falar por último, e é extremamente difícil falar por último sobre matérias das quais eu não entendo". Versatilidade e franqueza premiadas com aplausos.

Os "imperativos que se colocam como desafio no mundo contemporâneo" fizeram sucesso no longo discurso do último dia 26, no encerramento da conferência sobre a Amazônia no Palácio do Itamaraty. "E nós estamos dispostos, de nossa parte, a contribuir pelo nosso lado", avisou. Aí, caprichou na ressonância: "E essa fusão entre o que é global e o que é nacional, o que é local e o que é geral, é que constitui, precisamente, o desafio do mundo contemporâneo e a marca daquilo que é criativo".

No dia 21, na cerimônia de encerramento do Encontro Nacional do Comércio Exterior, no Rio de Janeiro, ele contou à plateia como costuma fazer seus discursos. "Os que me ajudam a preparar as coisas que eu vou dizer ficam um pouco aborrecidos, porque eu nunca leio nada", confessou.

Mas nem só de improvisos vive o presidente. "No Brasil, o otimista pode errar, mas o pessimista já começa errando", afirmou, repetindo a frase de efeito que havia dito antes em Brasília.

MANIAS

Fernando Henrique não fica sem "aqueles" — "aqueles que mais têm", "aqueles que mais necessitam" — e sem "aquilo": "aquilo que conta",

aquilo que é permanente", "aquilo que é essencial". É repetição a quilos.

Os atos falhos também aparecem. Num momento de saudosismo involuntário, fez lembrar um slogan do governo nos anos 70, em pronunciamento do último dia 13: "O Brasil vai para a frente".

Mesmo enfrentando um cansativa rotina, Fernando Henrique não perde o entusiasmo para falar: "Um país como o Brasil não se pode dar ao luxo de perder seu horizonte. Tem que avançar cada vez mais com realismo, sem bazófias, sem deixar de tomar as decisões importantes nas horas necessárias", disse, empolgado, na última quinta-feira. Depois de um discurso tão bonito, ninguém mais vai duvidar que "o Brasil tem rumo".